



PREFEITURA DE

CAMPOS

SECRETARIA MUNICIPAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA

 Mais
Ciência

Um Solar para o Povo Campista: A Renovação do Museu Histórico de Campos dos Goytacazes

Orientador: Débora Andrade

Bolsista: Danielle Fernandes

Universidade Federal Fluminense

2026



SUMÁRIO

RESUMO.....	3
INTRODUÇÃO	4
REVISÃO DA LITERATURA.....	4
MATERIAIS E MÉTODOS	5
RESULTADOS E DISCUSSÃO	5
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	6
REFERÊNCIAS	8

RESUMO

O projeto "Um Solar para o Povo Campista" propõe mudar o Museu Histórico de Campos dos Goytacazes, deixando de lado a antiga visão dos colonizadores para valorizar a diversidade e a história das pessoas comuns. Em parceria com a UFF e com base em ideias de inclusão social, a reforma organiza o museu em 14 salas com o tema "Novo Caminho das Águas", unindo melhorias no prédio e acessibilidade ao uso de tecnologias como tablets e telas. O grande destaque atual é a organização de entrevistas com moradores para a sala Aqui e Agora, que vai reunir histórias de trabalhadores dos trens, integrantes do MST do Porto do Açu, feirantes, artesãs e representantes do samba e do jongo local. Apesar de enfrentar desafios difíceis, como a falta de energia elétrica no prédio por meses, demoras na liberação de prazos e pouca verba da prefeitura, a equipe conseguiu aprovar o desenho do andar de cima. Com a limpeza do acervo e a escrita dos textos em ritmo firme, as metas foram adaptadas e a inauguração do novo espaço ficou para setembro de 2026.

Abstract

The project "Um Solar para o Povo Campista" aims to transform the Historical Museum of Campos dos Goytacazes, moving away from the old colonial perspective to value diversity and the history of everyday people. In partnership with UFF and based on social inclusion ideas, the renovation organizes the museum into 14 rooms under the theme "Novo Caminho das Águas" (New Path of the Waters), combining building improvements and accessibility with the use of technology like tablets and screens. The main highlight right now is the organization of interviews with local residents for the room "Aqui e Agora" (Here and Now), which will bring together stories from railway workers, MST members from Porto do Açu, traditional market vendors, artisans, and local samba and jongo representatives. Despite facing tough challenges, such as a complete lack of electricity in the building for months, delays in extending deadlines, and a limited city budget, the team managed to approve the upper floor layout. With the collection cleaning and text writing moving forward steadily, the goals were adapted and the opening of the new space is set for September 2026.

INTRODUÇÃO

Historicamente, os museus sempre foram instituições ligadas à história das nações e às estruturas de poder e conhecimento que moldam uma determinada sociedade. No nosso país, muitos desses museus seguiram modelos dos museus europeus, com uma visão colonial. Muitas vezes, eles exaltam figuras de grandes heróis sob o ponto de vista das elites políticas e dos grandes proprietários de terra.

Assim, o Museu Histórico de Campos dos Goytacazes, criado por decreto municipal no ano de 1997 e hoje instalado no Solar do Visconde de Araruama — um prédio que lembra a memória da aristocracia do açúcar e da escravidão na cidade — também representa essa lógica da história tradicional.

Após a reinauguração em 2012, o museu continuou com uma exposição improvisada, muito factual e linear. No entanto, segue uma linha do tempo sob a visão europeia e mostra os objetos como relíquias isoladas em vitrines, usando banners sem interação com o público.

Por isso, o projeto propõe uma revisão profunda e uma nova forma de expor que mude a ideia da exposição permanente. O objetivo é sair da visão colonial e mudar o foco das elites coloniais e imperiais. A ideia é dar prioridade à diversidade, à cultura popular e ao papel histórico das pessoas comuns, dos trabalhadores e de quem lutou por igualdade e justiça na cidade — figuras silenciadas que merecem ser lembradas.

Dessa forma, surge a proposta de um projeto para renovar e modernizar o Museu Histórico de Campos dos Goytacazes. O objetivo central é modernizar tanto a estrutura física do prédio quanto a maneira de apresentar a história da cidade. Além disso, busca-se transformar o museu em um espaço mais educativo e acolhedor, para que o visitante se sinta parte do local.

A proposta consiste em reorganizar as salas de exposição para que a população campista se reconheça no museu, a partir de sua diversidade étnica e social, superando a perspectiva colonial.

Para cumprir esses objetivos em um prazo de 24 meses, o projeto prevê a modernização da estrutura física, com a troca da iluminação, do sistema de ar-condicionado e da segurança do prédio. Também está prevista a adoção de recursos tecnológicos e interativos, como a instalação de tablets e telas, para tornar a visita mais dinâmica e participativa. O projeto ainda assegura a acessibilidade, com adaptações do espaço para o atendimento de pessoas com deficiência.

Outra meta é integrar a universidade, utilizando pesquisas recentes da Universidade Federal Fluminense como base para a nova exposição. O projeto também busca ampliar o público, com a meta de aumentar em pelo menos 30% o número de

visitantes do museu. Por fim, pretende fortalecer a relação com a comunidade, por meio da realização de eventos culturais e educativos mensais, para envolver a população e estimular sua presença no museu.

A importância desse projeto está na urgência de dar um novo sentido a um patrimônio histórico, que embora seja um museu ligado a uma elite escravocrata, é o único museu da cidade de Campos dedicado à história local. Ao questionar e atualizar a forma como essa exposição é feita, este projeto ajuda a fortalecer o sentimento de pertencimento, a memória e a identidade cultural da população de Campos, que é formada majoritariamente por pessoas negras e pardas.

Além disso, a modernização tem um papel econômico e social importante para a região. A reforma do museu pode impulsionar o turismo cultural da cidade, atraindo diferentes públicos como jovens, escolas e famílias. Isso movimenta a economia local, gerando empregos e novas oportunidades na área de hotelaria, artesanato, gastronomia e comércio.

Do ponto de vista científico e educativo, a iniciativa é importante porque cria uma conexão direta com as pesquisas da universidade e promove ações de educação sobre o patrimônio. Dessa forma, o projeto contribui para dar visibilidade a grupos que foram silenciados ao longo da história e amplia o acesso da população ao conhecimento sobre o passado da região.

REVISÃO DA LITERATURA

A base teórica e a pesquisa do projeto se apoiam em três pontos principais: o papel social e político dos museus; a ideia de patrimônio e de lugares de memória; e a necessidade de uma visão decolonial com revisão da história.

A revisão começa com o conceito do museólogo Bruno Brulon, que define os museus como instituições ligadas à sociedade e muito conectadas à formação dos Estados nacionais desde o fim do século XVIII. Para o autor, por serem criados em sua maioria pelo Estado, os museus funcionam como o resultado de acordos sobre o que tem valor. Eles reproduzem, de forma material, as hierarquias de poder e de conhecimento que formam a ideia de nação.

O amadurecimento dos museus históricos no século XIX é discutido por Krzysztof Pomian. Ele define o museu como um lugar que guarda tudo o que está ligado à história nacional, onde a própria nação é ao mesmo tempo quem mostra e quem é mostrada. Nessa visão do século XIX, a exposição do museu funcionava como uma celebração do passado, focada em exaltar os “grandes homens” e os marcos considerados civilizatórios do país.

O projeto também usa a literatura para criticar a forma como os museus tradicionais foram organizados a partir do século XIX, sob concepções positivistas. Nessas instituições, os objetos eram exibidos como “semióforos”, termo usado por Pomian. Ou seja, os artefatos eram tratados como relíquias ou provas absolutas que supostamente “falam por si sós”, sem uma contextualização crítica.

A revisão teórica mostra que o desenvolvimento dos museus fora da Europa esteve diretamente ligado à expansão colonial. Com base em Bruno Brulon, o texto explica que as colônias enviavam objetos e artefatos para a Europa. Em troca, museus foram criados nas próprias colônias e ex-colônias, como o Museu Nacional do Rio de Janeiro, fundado em 1808. Eles nasceram imitando o modelo europeu, que se baseava na ideia de evolução e em uma visão colonial. Esse conhecimento centrado na Europa criou hierarquias excludentes, que classificavam as populações colonizadas e as culturas não europeias como primitivas e atrasadas.

No Brasil do século XX, o texto apresenta as análises de Carlan e Santos sobre o Museu Histórico Nacional, o MHN. O museu foi fundado em 1922 por Gustavo Barroso. A literatura aponta que a instituição criou um modelo baseado na saudade do passado e na exaltação de grandes heróis valorizados pela elite, como o Duque de Caxias e Dom

Pedro II. Essa visão estava ligada a uma identidade nacional conectada à vinda da Corte portuguesa Imperial para o Brasil.

Ao mesmo tempo, foi criado o Museu Paulista, o Museu do Ipiranga. Para a comemoração do Centenário da Independência, foi montada uma exposição que destacava e exaltava o papel dos bandeirantes paulistas e dos personagens da colonização, unindo a identidade de São Paulo à identidade do Brasil.

O projeto também avalia como o conceito de patrimônio cultural mudou depois da Segunda Guerra Mundial, com base nos estudos de Pedro Paulo Funari e Sandra Pelegrini. Os autores explicam a diferença e a desigualdade geográfica nas políticas de proteção da UNESCO.

Enquanto o patrimônio material, como igrejas, palácios e conjuntos arquitetônicos, é formado em sua maioria por bens europeus e segue a visão eurocentrica dos antigos colonizadores, o patrimônio imaterial é diferente. Ele inclui práticas, expressões, conhecimentos e técnicas tradicionais. Esse tipo de patrimônio foi reconhecido na Convenção de 2003 e está ligado, principalmente, aos povos colonizados.

A relação entre o tempo e o uso político do passado é explicada por François Hartog e Dominique Poulot. Hartog destaca que o patrimônio funciona como um elemento de identidade. Ele ajuda a criar território e dar continuidade para os moradores, sendo uma resposta do presente contra o esquecimento social. Por isso, o patrimônio não deve ser visto apenas a partir do passado. Ele é uma “forma de agir no presente e sobre o presente”, e muitas vezes está ligado aos interesses econômicos do turismo.

Poulot complementa essa discussão ao falar sobre os “usos políticos do passado e os usos públicos da história”. Ele mostra que o patrimônio e as comemorações oficiais são sempre resultado de escolhas. São construções feitas com base no que as classes dominantes decidem lembrar e no que escolhem esquecer.

Por fim, a principal base para a ação no Museu Histórico de Campos dos Goytacazes vem da união entre duas ideias: a proposta de Bruno Brulon sobre a descolonização dos museus e o conceito de “colonialidade do saber”, criado pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano.

Quijano mostra que, mesmo depois da independência política dos países da América Latina, as relações de subordinação do período colonial continuaram. Isso acontece por meio de estruturas que apagam povos que não são europeus, com a ideia de que eles foram apenas “descobertos” pelo Ocidente. Essas estruturas também diminuem a história, a cultura e a existência desses povos, colocando-os de forma inferior dentro de um discurso europeu que se apresenta como universal.

A partir dessas ideias, o projeto adota a tese de Bruno Brulon. Para ele, descolonizar os museus exige mudar de forma profunda a maneira como eles funcionam e se comunicam com o público. A pesquisa defende que os museus e o patrimônio material precisam ser discutidos e ocupados por muito mais grupos da sociedade.

Assim, o objetivo final da revisão bibliográfica é dar base para colocar em prática a presença de grupos que foram silenciados ao longo da história. A nova exposição será usada como uma ferramenta para denunciar os modelos coloniais que, historicamente, apagaram as memórias dos negros, dos trabalhadores rurais, dos operários e dos povos indígenas da cidade de Campos dos Goytacazes.

MATERIAIS E MÉTODOS

O desenvolvimento deste trabalho está estruturado em três etapas principais, realizadas de forma conjunta pela equipe do museu e por uma equipe de profissionais contratada para o projeto. A primeira etapa é focada na pesquisa e na criação do conceito da exposição, momento dedicado a estudar o tema e avaliar a estrutura. Nessa fase, são feitas visitas técnicas e análises detalhadas do espaço físico, além do levantamento de custos e da avaliação do que o prédio precisa em termos de iluminação, climatização, segurança e acessibilidade. Para garantir a qualidade científica e a ligação com a Universidade Federal Fluminense, professores e pesquisadores de cada área são convidados a escrever textos detalhados de cinco a sete páginas, usando fontes históricas confiáveis. Esses textos servem de base para o conteúdo e depois são reduzidos para caber nos painéis da exposição, respeitando o limite de 1.800 caracteres e usando uma linguagem clara para todos os visitantes.

Para garantir que a exposição faça sentido do começo ao fim e não pareça pedaços isolados, a equipe responsável organiza esses textos em uma única história contínua, que depois passa pela revisão final de um comitê formado por professores e

museólogos. Esse trabalho define o tema principal da exposição, que busca contar a história do povo da região de Campos — destacando os trabalhadores, a cultura popular, a história do povo negro e as suas lutas. Essa proposta muda o foco das antigas exposições, que valorizavam apenas as elites e os grandes personagens históricos. Para guiar o visitante, a água foi escolhida como o elemento principal que une tudo, em um conceito chamado "Novo Caminho das Águas", dividindo o percurso em 14 salas temáticas. Ainda nessa primeira fase, a equipe escolhe os objetos e as imagens que vão aparecer na exposição, descobre o que está faltando na coleção do museu — como materiais sobre a história dos trens e das usinas de açúcar — e planeja soluções, como o uso de vídeos e o empréstimo de obras de arte atuais.

A segunda etapa envolve o desenho do espaço, o projeto visual e as adaptações de acessibilidade. É nesse momento que se cria o desenho inicial e o projeto final de como a exposição vai funcionar no espaço. Essa fase detalha os desenhos do chão, as visões das paredes, as imagens digitais em três dimensões e o roteiro escrito que mostra por onde o visitante vai caminhar, como as salas serão organizadas e onde vão ficar os móveis e suportes das peças. Ao mesmo tempo, cria-se o visual da exposição, o logotipo e os materiais de comunicação, o que inclui os painéis com explicações, totens informativos, pinturas nas paredes, folhetos e gráficos explicativos. Também são definidas as formas de garantir que qualquer pessoa, com ou sem deficiência, consiga ver e entender as peças, além de planejar sistemas de segurança para proteger o acervo e a estrutura do prédio, que é antigo e protegido por lei.

A terceira e última etapa acompanha a produção e a montagem final de tudo. Nela, são feitas as aprovações dos designs, os últimos ajustes e o fechamento dos arquivos digitais para que possam ser enviados para a gráfica. A equipe acompanha de perto a montagem física nas salas do museu, orientando o trabalho dos técnicos, marceneiros, profissionais de iluminação e equipes de vídeo e som. Como uma atividade extra para registrar as histórias faladas, a equipe organiza uma pesquisa de memória oral por meio de um mapa de entrevistas, dividido por tipo de festa ou tradição, local e nome do entrevistado. Para conversar com as pessoas, os pesquisadores usam um roteiro com perguntas sobre o nome completo, nome social, contatos, data e local de nascimento, quem são os pais, os estudos, há quanto tempo a pessoa participa daquela tradição e a história da própria manifestação cultural.

Em relação aos materiais, aparelhos e serviços necessários para montar a nova exposição e modernizar o espaço, todos os itens foram pesquisados e listados. Para a montagem do cenário e das artes gráficas, está prevista a instalação de 360 metros quadrados de painéis de madeira MDF branca, montados com 40 centímetros de profundidade e cobertos com adesivos impressos. A comunicação visual também terá 180 metros quadrados de painéis de alumínio resistente com o logotipo e letras feitas

em plástico moldado, além de outros 78 metros quadrados de letreiros em relevo. O visual moderno do museu será organizado em um guia digital de uso. Para não estragar as paredes do prédio histórico, serão usadas soluções que podem ser retiradas facilmente depois, como barras de alumínio para pendurar os quadros sem precisar furar as paredes antigas, preservando a construção original.

Na parte de tecnologia e aparelhos de vídeo e som, que vão ficar no museu definitivamente, o projeto prevê a compra de 20 tablets para o público usar e interagir nas salas de exposição. Para exibir os vídeos e conteúdos digitais nas salas temáticas, serão usadas oito televisões grandes de 65 polegadas. O trabalho interno da equipe, a organização digital dos objetos guardados na reserva técnica e as atividades com escolas contarão com 10 notebooks. A projeção de vídeos será feita por três projetores de imagem com quatro telas grandes de tecido. Para fechar a lista de equipamentos, uma filmadora profissional será usada para gravar as entrevistas com os moradores do campo e com as pessoas que mantêm vivas as tradições e festas da região.

Por fim, o trabalho depende de profissionais de diferentes especialidades. A equipe reúne historiadores, pesquisadores, um organizador de exposições, designer gráfico, especialista em acessibilidade, profissional de conservação de objetos antigos e arquitetos. Entre os serviços contratados por fora para ajudar na montagem, estão equipes de fotografia e filmagem para as entrevistas, além de profissionais para cuidar da iluminação das salas, montagem dos cenários, produção dos vídeos e impressão dos painéis. O projeto também inclui serviços de marcenaria focados em reaproveitar e reformar os móveis que o museu já possui.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa de campo do projeto Um Solar para o Povo Campista avançou de forma significativa com o mapeamento e a criação de uma lista detalhada de moradores que representam a história viva e a identidade de Campos dos Goytacazes. Buscando romper com as antigas perspectivas expográficas que focavam apenas nas grandes figuras da elite local, a seleção e a abordagem metodológica priorizaram os trabalhadores, os grupos populares e os movimentos de resistência regional. Por meio de reuniões recentes com a equipe, foram definidos os próximos passos práticos para a estruturação e a dinâmica da sala temática intitulada Aqui e Agora, espaço concebido para apresentar este material de memória oral ao público.

Para a frente de pesquisa voltada ao histórico ferroviário, o projeto já conta com nomes definidos para as primeiras entrevistas, como Tânia Barbeto, filha de Jacir

Barbeto, e o Senhor Nilson Macedo, ex-diretor da ferroviária. Com este último, a equipe pretende discutir uma pauta técnica sobre o perfil da mão de obra da época e validar novas indicações de depoentes, contando ainda com o convite a um pesquisador especialista no tema. O objetivo principal dessas conversas é compreender o cotidiano dos trabalhadores e desvendar a geografia local, confirmando se a malha ferroviária de Campos possuía sete ou nove estações, além de registrar a história da construção do bairro da Leopoldina e sua relação com a linha férrea. Como encaminhamento urgente para otimizar o processo, as perguntas dos roteiros serão enviadas por escrito e com antecedência para os entrevistados, mantendo uma abordagem voltada para a vida pessoal, as memórias do cotidiano e as diferenças intergeracionais.

Além do setor ferroviário, o projeto garantiu novos contatos estratégicos graças a indicações de pesquisadores dessas áreas. Foi possível obter listas de representantes do setor açucareiro e do campo, incluindo trabalhadores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, que trarão discussões fundamentais sobre as lutas sociais e os impactos socioeconômicos na região do Porto do Açú. A pesquisa também alcançou o comércio e as comunidades locais, estabelecendo contato com feirantes tradicionais do Mercado Municipal de Campos e articulando conversas com o grupo de imigrantes sírio-libaneses radicado na cidade. Para resgatar o patrimônio imaterial e a cultura popular, foram mapeados personagens ativos do Carnaval campista, sabedores de lendas locais, rendeiras, bordadeiras e doceiras tradicionais.

No aspecto técnico e operacional, o projeto garantiu a contratação de um fotógrafo profissional vinculado a uma empresa de filmagens parceira, assegurando a estrutura necessária para captar as imagens e os depoimentos em alta qualidade. Paralelamente, a equipe realiza a pesquisa visual e iconográfica no próprio Acervo Aqui e Agora, selecionando e analisando fotografias antigas sobre as ferrovias para definir o melhor suporte visual para a sala.

No momento atual, o projeto se encontra na fase de organização de cronograma e refinamento do plano expográfico. O prazo final para a entrega dos textos e roteiros das entrevistas ficou definido para o dia 24 de setembro. Após essa data, a equipe montará o cronograma definitivo de produção para priorizar quem entra na primeira fase de gravações e quem ficará para o segundo momento, restando em seguida o agendamento das datas específicas com cada colaborador. Este material audiovisual de memória oral já tem destino certo na nova organização do museu: os vídeos com os relatos e as imagens dessas pessoas serão exibidos em um monitor instalado na sala temática Aqui e Agora, conectando diretamente o público visitante com as vozes e os rostos que constroem a história viva da cidade.

Além dos avanços na sala Aqui e Agora, outra conquista importante para a reestruturação do espaço foi a aprovação do projeto do

arquiteto para as salas localizadas no pavimento superior, que serão dedicadas à temática das águas e sua centralidade na história regional. A aprovação desta etapa específica marca o início da materialização física da nova proposta curatorial, embora o plano global ainda passe por ajustes. Para consolidar as próximas fases do projeto, a coordenação prevê a realização de novas reuniões de alinhamento com os responsáveis pelos setores de Design e Artes Visuais. Esses encontros serão fundamentais para definir a identidade visual das salas, suportes de texto, iluminação e a integração estética entre os recursos audiovisuais e o patrimônio edificado.

Esses resultados parciais demonstram a aplicação prática da mudança de foco proposta para o Museu Histórico de Campos dos Goytacazes, sediado no Solar do Visconde de Araruama. Ao trazer a memória do Porto do Açú, das ferrovias, das usinas, da feira, do universo das águas e dos saberes tradicionais para o centro da exposição, o museu deixa de ser um lugar de contemplação do passado das elites e se transforma em um território de escuta e valorização das comunidades locais. A escolha da sala Aqui e Agora e das salas superiores para exibir esses eixos reforça que a história campista não está presa apenas nos livros ou nos objetos antigos, mas permanece viva, fluida e em plena construção por meio do trabalho e da cultura de seu povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de mudar e modernizar o Museu Histórico de Campos dos Goytacazes serve para aproximar o museu das ideias mais modernas de inclusão social. Ao fazer essa intervenção no Solar do Visconde de Araruama — um prédio antigo muito marcado pela história dos barões do açúcar e da escravidão —, o projeto consegue dar um novo significado a esse espaço. A exposição deixa de ser apenas uma linha do tempo com fatos isolados que exaltavam os antigos ricos e poderosos. Agora, o foco está na diversidade e na história das pessoas comuns, transformando o museu em um lugar onde toda a população pode se enxergar e valorizar sua própria memória.

As etapas do trabalho mostraram que é totalmente possível e necessário unir as pesquisas feitas na universidade com a prática de montagem das salas. A parceria com a Universidade Federal Fluminense ajudou a criar uma base forte para a nova exposição, juntando a pesquisa científica com o conhecimento do povo. Organizar e resgatar as memórias dos trabalhadores dos trens, dos integrantes do MST, dos feirantes, dos imigrantes e das pessoas que mantêm viva a cultura local dá destaque para grupos que sempre foram deixados de fora da história oficial.

Até agora, o projeto já conseguiu conquistas bem importantes. Os textos escritos pelos especialistas que colaboram com a pesquisa foram finalizados, a restauração do quadro Voluntários da Pátria já começou e a limpeza e conservação das peças do acervo continuam em ritmo firme. Outro passo importante foi a aprovação do desenho do arquiteto para as salas do andar de cima, que vão falar sobre o tema das águas, decidido em uma reunião no dia seis de julho de 2026. Tudo isso mostra o esforço da equipe em melhorar a estrutura física do prédio, garantir o acesso de pessoas com deficiência e preparar o museu para o uso de tecnologias interativas, como telas e tablets.

Apesar de todas as conquistas, o projeto passou por problemas práticos bem difíceis que mexeram com os prazos. O museu ficou totalmente sem energia elétrica do mês de dezembro de 2025 até março de 2026, o que parou e atrasou o ritmo dos trabalhos. Além disso, a equipe teve que esperar bastante tempo pela resposta da FAPERJ para aprovar a extensão do prazo do projeto. Devido a isso, algumas metas precisaram ser adaptadas para caber no dinheiro disponível. Por causa desses imprevistos e atrasos, o prazo foi estendido oficialmente e a inauguração do novo museu foi adiada para setembro de 2026.

Mesmo com pouca verba e os problemas no prédio, o trabalho de toda a equipe foi excelente e continua sendo a parte mais forte do projeto. A união e o profissionalismo de todos permitiram superar os momentos difíceis e manter a qualidade das atividades. Como o projeto continua em andamento, ainda há tarefas importantes para os próximos meses, como terminar a escrita dos textos que vão para as placas de PVC e colocar em prática a reforma das salas aprovada pelo arquiteto.

Na próxima fase, o foco principal será a gravação das entrevistas de campo. Essa etapa vai trazer os depoimentos de pessoas ligadas ao movimento dos sem terra na região do Porto do Açu, dos feirantes e vendedores mais antigos da cidade, e de representantes do jongo e do samba local. Também serão gravadas conversas com os trabalhadores dos trens, com o ex-diretor da ferrovia e com as rendeiras e bordadeiras da região. Essas histórias vão virar vídeos que o público poderá assistir na sala temática Aqui e Agora.

Todas as dificuldades que surgiram no caminho só provam o quanto a continuidade deste trabalho é urgente e necessária. Reformar o único museu histórico de Campos dos Goytacazes e abrir suas portas para contar a história dos trabalhadores e da cultura popular é um direito de toda a população. O andamento do projeto mostra que a história da região não está presa nos livros do passado, mas continua viva e sendo construída todos os dias pelo seu próprio povo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Débora. Um Solar para o povo campista: projeto de reformulação da expografia e modernização do Museu Histórico de Campos dos Goytacazes. Campos dos Goytacazes: Universidade Federal Fluminense, 2025. 1 documento eletrônico.

BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. Anais do Museu Paulista, São Paulo, nova série, vol. 28, p. 1-30, 2020.

CARLAN, Cláudio Umpierre. Os Museus e o Patrimônio Histórico: uma relação complexa. História, São Paulo, vol. 27, nº 2, 2008.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra. Patrimônio Histórico e Cultural. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. Varia História, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36, p. 261-273, jul./dez. 2006.

POMIAN, Krzysztof. Colecionismo. In: Memória-História. Enciclopédia Einaudi, volume 1. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.

POULOT, Dominique. Cultura, História, valores patrimoniais e museus. Varia História, Belo Horizonte, vol. 27, nº 46, p. 471-480, jul./dez. 2011.

QUIJANO, Aníbal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4109238/mod_resource/content/1/12_QUIJANO.pdf. Acesso em: 7 jul. 2026.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. A escrita do passado em museus históricos. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

SITZIA, Emilie. Museology and its Others: Analyzing Exhibition Storytelling Through Narratology, Space Analysis, Discourse Analysis, and Ethnographic Research. In: BIJSTERVELD, Karin; SWINNEN, Aagje (org.). Interdisciplinarity in the Scholarly Life Cycle. Londres: Palgrave Macmillan, 2023